

*Este texto se propõe a uma leitura histórico-teológica transversal do ITESC, enfatizando sua origem na experiência do Concílio Vaticano II, vivida pelos bispos catarinenses de então, e no dinamismo pastoral das igrejas particulares do regional Sul IV, bem como as relações ITESC/Regional sul IV. A leitura se convalida a partir de critérios antropológicos e eclesiológicos.*

*A “experiência itesquiana” fundamentalmente voltada para a formação do clero catarinense, se abre também para a difusão da cultura e do humanismo, sendo responsável pela formação da intelectualidade católica no estado, inclusive quando do diálogo com a modernidade estabelecido na UFSC. À conclusão, o autor propõe o louvor e a gratidão a Deus.*

## **Itesc, entre notas e memórias**

*Hélcion Ribeiro \**

---

\* O Autor, doutor em Teologia, é pároco em Curitiba e professor do Studium Theologicum e da Pontifícia Universidade Católica do PR.. Entre outros livros, escreveu “Da periferia um povo se levanta”, “Ensaio de antropologia cristã” e “Condição humana e solidariedade cristã”. Foi, durante dois anos (1985-1986), professor no ITESC.



É quase óbvio imaginar as origens remota e próxima do ITESC. E é impossível não localizá-las nas conversas dos bispos catarinenses participando do Concílio Vaticano II, nos corredores e salas do Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma. Certamente foi lá, degustando a graça de viver um concílio e sentindo o entusiasmo dos seminaristas pela Igreja, que os bispos terão intuído a necessidade de maior carinho pela formação do clero catarinense e de maneira mais uniforme. Quantas vezes não terão lido e discutido nas reuniões preparatórias do concílio as expressões “clero local” e “clero autóctone”, como aparecem nos documentos conciliares! Daí terá surgido a experiência provisória do “Paulinum” – homenagem a Paulo VI, na capital paranaense – como o seminário maior das dioceses catarinenses.

Em bem menos de uma década, aquela experiência deu seu fruto e a origem do projeto definitivo: o ITESC, em Florianópolis. É assim que primeiramente sempre o entendi: fruto das experiências conciliares vividas pelos bispos catarinenses naquela grande reunião ecumênica. Menos de 8 anos depois da conclusão do concílio nasceu o Instituto Teológico de Santa Catarina, após a experiência em Curitiba. Ponho-me a imaginar os bispos fundadores, particularmente vejo D. Afonso Nieheus, natural líder entre eles, ajoelhado diante do Senhor e entregando-lhe a causa, não tanto como pré-ocupação, mas como um antecipado hino de louvor e gratidão pelos frutos que “aquela plantinha” haveria de dar!

## Para entender o significado do Itesc

A instalação do ITESC – em segundo lugar - expressou o amadurecimento das igrejas particulares, em SC, que em comunhão se preocuparam em organizar juntas a formação do clero. Que expectativas ou consequência surgiriam?!<sup>1</sup>.

Mas, o ITESC não pode ser compreendido corretamente senão a partir de alguns princípios dogmáticos (I) e pastorais (II) de eclesiologia

---

<sup>1</sup> Sem dúvida, é despropositado pretender descrever de modo exaustivo esta particular história. Nesse sentido este artigo nada mais significa que uma posição pessoal e uma leitura datada de quem o escreve. Pois entre outros limites está o de não ter participado diretamente das três décadas desta história. A contribuição aqui apresentada quer ser simples e puramente uma homenagem aos que foram e são hoje o ITESC e um agradecimento pelos benefícios ali auferidos pelo autor. Mas não se tem a pretensão de propor a análise completa e justa. Antes, tudo quanto aqui se escreve tem valor mais opinatório, memorialístico – do que peço vênha ao leitor!



I.1. A Igreja de Jesus toma corpo, faz-se história consciente, na igreja particular (igreja diocesana), que se convalida como universal com e pela comunhão com a Igreja de Roma – “a que preside na caridade”.

2. “A diocese é uma porção do povo de Deus, confiada a um bispo para apascentá-la com a cooperação de presbitério, de forma que, unida a seu pastor e por ele congregada no Espírito, pelo Evangelho e pela Eucaristia, constitua uma Igreja particular, em que esteja verdadeiramente presente e operante a una, santa, católica e apostólica Igreja de Cristo”. (cfr. *Christus Dominus*, 11).

3. Uma igreja local não vive sozinha, mas em comunhão com suas numerosas irmãs (as outras igrejas locais). Elas se nutrem mutuamente, por um lado, da comunhão universal e, por outro lado, a confirmam, enriquecem-na e fazem a Igreja Universal mais forte e fecunda, mais irradiante como sinal de salvação para toda a humanidade.

4. Uma é a relação da igreja local com a de Roma, outra é a relação com as igrejas próximas. Uma terceira relação é a de colaborações missionárias em sentido estrito (“*ad gentes*”). Destacamos aqui o segundo, não tanto nos seus aspectos jurídicos, estruturais, mas sob a dimensão da comunhão e serviço.

5. A relação das igrejas entre si as leva a uma comunhão fraterna, cuja expressão concreta é a catolicidade da própria Igreja. Nenhuma por si só se basta. Se, por um lado, ela está completa nos elementos eclesiais que constituem uma diocese, por outro lado sua completude se verifica no des-isolamento imediato. Ou, dito positivamente, à medida que entra em comunhão com as igrejas próximas. Oferece a elas seus serviços e também recebe, por sua vez, os serviços dos outros. A proximidade delas entre si também pode levá-la a estabelecer programas comuns de ajuda mútua e subsidiariedade.

6. Presidida pelo bispo, é a própria igreja particular o sacramento de Deus em uma determinada região. Ai a Igreja se faz completa com seus dons e carismas, com ministérios (ordenados ou não), com os múltiplos serviços de culto e caridade, porque é missionária, com a peculiaridade histórico-cultural de onde está sediada. Sua razão de ser é o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo.

7. A Igreja que se situa geograficamente numa região não se confunde nem com o povo desta região, nem com sua cultura. Ela é um dom de Deus em vista da união de todos os povos num único povo, o povo de Deus. Ela se torna católica porque vai se encarnando naquele



contexto sócio-cultural, mas mantém os olhos voltados igualmente para outros homens e mulheres d'outras partes do mundo, inclusive olhos para a escatologia. Ela, ali, é uma porção de Igreja, e não uma parte

II. 1. O ITESC é resultado maduro das igrejas particulares em Santa Catarina, que se apoiaram umas às outras para juntas resolverem situações que eram comuns, e ao mesmo tempo estabelecer o processo comunitário entre os bispos na formação do clero para o estado. Foi inaugurado na capital do estado, sob a forte influência do Concílio e da dinamicidade do Regional.

2. A ajuda, as necessidades e o testemunho fraterno oportunizam às igrejas particulares (dioceses) uma dinamicidade maior na missionariedade e racionalidade de recursos, na emancipação e sinodalidade. Fundados nestes e noutros elementos teológicos desenvolveu-se, sobretudo, após o Vaticano II, a idéia das conferências episcopais, seja a nível nacional seja a nível regional.

No Brasil, criou-se a CNBB, que por sua vez foi-se subdividindo em regionais. Santa Catarina constituiu, com o Rio Grande do Sul, durante muitos anos, o Regional Sul III da CNBB.

3. A partir de 1970, quando da criação do Regional Sul IV, a igreja em Santa Catarina passou a implantar decididamente o Concílio Vaticano II. “O dinamismo do Regional impulsionava todas as dioceses e movimentos acentuando a renovação ‘ad intra’. Foi uma fase de fervor e entusiasmos religiosos, onde nossa Igreja renovou os seminários, impulsionou a liturgia e a catequese, incentivou movimentos tipo Cursilhos de Cristandade, Encontro de Jovens e Retiros. Os bispos e o clero se encontravam freqüentemente para estudos teológico-pastorais. Tentavam-se análises de conjunturas sócio-econômicas da realidade catarinense (a partir do sistema) na ótica da criatividade”.<sup>2</sup>

4. É neste entusiasmo evangélico-comunitário que as 7 igrejas diocesanas iniciaram um processo de modernização pastoral da fé católica no estado. E sem dúvida, a fundação do ITESC é um dos frutos estruturalmente mais sólidos da maturidade dos bispos do Regional.

---

<sup>2</sup> **Ribeiro, H.** *Da periferia um povo se levanta*. São Paulo: Paulinas, 1988, pg. 68



## O Itesc na UFSC

Desde o Concílio de Trento, a Igreja passou a dar um destaque organizacional na formação do clero. Não sem razão, inúmeras críticas da Reforma do séc. XVI atingiam o clero, segundo se diz, em franca decadência. A Contra-Reforma iniciou o desafio de um aprimoramento mais profundo através dos seminários. No século XIX já estava consolidado um modelo de formação globalizado e sistemático, aceito por muitos países onde a Igreja tinha fincado suas raízes. Na concomitância do Concílio Vaticano II, aquele modelo de formação seminarística passou a ser reformulado, muitas vezes até de forma inconsciente.

Para nos atermos apenas à questão em apreço, vale recordar que, à época, muitos seminaristas no Brasil começaram a freqüentar universidades públicas e/ou não-eclesiásticas para o curso de filosofia. Enquanto isto, também os cursos de teologia deixaram de ser ministrados exclusivamente nos internatos seminarísticos – o que iria oferecer aos alunos maiores contatos com outros jovens, entremisturando seminaristas diocesanos e religiosos e, algumas vezes, leigos e leigas. Esta mudança – aparentemente sutil – levava também a distinguir professores (academia) de formadores (seminários).

Se no início o ITESC cumpriu a função de seminário, é importante assinalar o convênio que êle firmou com a Universidade Federal de SC (UFSC). Assim, as aulas, desde o início passaram a ser ministradas na própria UFSC. Este convênio – mesmo que o curso de teologia permanecesse legalmente um “curso livre” – fez com que a presença dos estudantes de teologia em meio aos outros universitários ganhasse ares de diálogo com a modernidade, expresso exatamente pela presença deles no universo da academia, com a possibilidade de universitários terem acesso a cursos (disciplina) de teologia.

Ter aulas no ambiente universitário significava a visibilização da Igreja naquele espaço, e, ao mesmo tempo, chamava a atenção dos seminaristas para o fato de que eles nada ficavam a dever em relação a outros jovens estudantes; tendo a possibilidade – inclusive – de se abrirem a uma ação evangelizadora naquele ambiente. Muitos estudantes de teologia – por causa disto – se engajaram nos movimentos estudantis, participaram de lutas nos movimentos sociais e deram testemunho da possibilidade de diálogo nas questões fé e vida, fé e política, juventude e fé, etc.



Pela separação entre a formação (feita no Seminário) e a teologia, foi no espaço da UFSC que os seminaristas das igrejas do Regional ouviam os professores repartirem seus saberes com eles, inclusive propondo discussões de alcance mais longo, mesmo quando da incidência pastoral imediata.

Os professores do ITESC deram sua contribuição dentro da própria academia, devendo responder a inúmeros questionamentos que a sociedade moderna fazia à Igreja.

Tendo passado as aulas ao espaço físico do ITESC, os estudantes de teologia tiveram ganho em possibilidades favoráveis à concentração, ao aprofundamento intelectual, melhorias da biblioteca e melhor uso dela, etc. Todavia, podem ter perdido situações outras que lhes seriam válidas também.

Nas três décadas itesquianas é impressionante o nível intelectual mantido pela instituição. Praticamente todos os professores foram ou são mestres e doutores. Seus títulos acadêmicos foram conquistados nas Universidades em geral da Europa. Vários deles são autores de artigos e livros. Alguns escrevem em revistas internacionais. Uns, além do ITESC, são professores concomitantemente em outros institutos teológicos, inclusive fora do país.

## O ITESC e a intelectualidade em SC

Muitos dos que estudam teologia, o fazem por causa da preparação ao presbiterato. Quando alguém descobre que na verdade sua vocação não é a presbiteral, não apenas sai do seminário, mas quase automaticamente abandona os estudos de teologia. Muitos destes ex-alunos do Itesc deram um passo – quase natural – para a universidade que estava fisicamente à sua frente. Penso que se deve levar em conta que na história pessoal de cada um – além da influência do seminário menor e do período de filosofia – eles ficaram marcados pelo ITESC. Destes “ex”, vários prosseguiram a formação acadêmica, na continuidade de pós-graduação, fazendo especializações e mestrados. Muitos deles desenvolveram estudos, pesquisas e dissertações sobre questões vinculadas à Igreja e às questões da vida cristã em SC<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Não me consta – espero que seja ignorância minha, apenas – que tais estudos tenham sido aproveitados pelo ITESC ou o Regional, sobretudo como contribuição à reflexão da pastoral, seja a nível acadêmico ou como subsídios.



Diante da legislação do Estado, o curso de teologia do ITESC, nestas três décadas, é considerado “livre”, isto é, sem valor universitário. Aliás, só há bem poucos anos é que o MEC vem reconhecendo a teologia como curso acadêmico. Mesmo que seja “curso livre”, o ITESC formou significativamente boa parte da intelectualidade católica no estado.

Um ex-aluno – ordenado presbítero ou não – terá tido, antes, ao menos 14 anos de estudos, e se fez completa a teologia, somaria mais 4. Ao todo 18 anos de estudos. Intelectualmente falando, pode-se afirmar que o clero pertence à elite atual, neste país com média de 7 anos de escolaridade. Em Santa Catarina, cresceu muito, nos últimos 30 anos, a média de escolaridade. O ensino médio e as universidades se multiplicaram, especialmente pela interiorização do terceiro grau.

Os ex-alunos do ITESC ainda permanecem como elite cultural no estado. Porém, está-se começando a exigir atenção para o fato da continuidade de formação. Ao contrário de grande maioria dos outros profissionais, o clero (catarinense, também) dá por acabada sua formação intelectual quando da conclusão do curso de teologia – maldosamente, alguns podem afirmar que isto acontece pela falta de concorrência.

A cada dia se percebe que a formação intelectual de qualquer profissional exige aperfeiçoamento e atualização. O ITESC tem o dever moral de dar esta continuidade – inclusive, quem sabe, uma retomada de cursos como os de atualização promovidos pelo Regional Sul IV, mas ministrados pelos professores da casa, nos anos 70 e que foram de notável valia à Igreja no Estado.

Por um lado, parece (dizem) que na prática os bispos não pensam haver necessidade da atualização ou renovação intelectual da “tradicional formação do clero”; por outro lado, não se tendo a oportunidade, então o desejo de atualizar-se se torna mais distante. Parece-me a mim que urge a iniciativa de o ITESC, para servir mais (e melhor) às igrejas diocesanas, promover cursos de atualização e pós-graduação, seja em períodos ditos de férias escolares ou durante o ano letivo. A responsabilidade moral pela formação intelectual do clero catarinense passa prioritariamente pelo ITESC. A solução não passa pelo exclusivo interesse individual dos padres (ou dos bispos).

A formação intelectual do clero em SC – salvo a circunstanciada situação do Chapecó e de Joaçaba (por um tempo) – tem sido tarefa desta escola de 30 anos. Inegavelmente é uma contribuição que vai além do âmbito da Igreja. É uma contribuição também à comunidade catarinense,



independentemente das circunstâncias religiosas. Convém lembrar que em muitos municípios, até bem pouco tempo, haveria apenas 3 ou 4 pessoas com estudos universitários. Hoje, em qualquer município este número ter-se-á multiplicado pelo menos 20 vezes mais. O curso de teologia – no caso – é uma contribuição itesquiiana para qualificar o nível intelectual da gente deste Estado. Esta otimização não se encerra nos ex-alunos (ordenados ou não), mas por decorrência óbvia gera influências em outras pessoas.

Inclusive o fato de a escola estar localizada na capital, na maior região metropolitana, também, oportuniza (oportunizou) a questão de perspectivas mais amplas na formação daqueles alunos, que poderiam perceber o Estado como um todo e com diversidade de riquezas e carências. Sem dúvida este elemento pode favorecer compromissos práticos e claros também no desenvolvimento sócio-cultural, na superação de bolsões de pobreza, seja nos morros, nas favelas, no meio rural, entre os “sem”, os índios, etc.

## A formação do clero

A formação teológica da fé, ou melhor, das razões da fé, se sobrepõe à formação humanística que naturalmente os cursos de teologia proporcionam. Nos últimos 30 anos, em SC, o ITESC tem sido quase exclusivamente o responsável direto por isto. O estudante que se encaminha para o sacerdócio ministerial tem uma formação pessoal que vai além dos estudos acadêmicos.

As implicações ligadas aos estudos de teologia (missão de ITESC), a religiosidade, o processo de evangelização, o planejamento pastoral e a inserção da igreja em SC dão subsídios importantíssimos para avaliar o serviço eclesial deste Instituto Teológico. E sem dúvida, o fato de a Igreja ter eleito bispos 3 de seus professores e 1 de seus alunos – além de mais dois bispos professores – é um atestado de consideração e apreço.

Mais de dois terços do atual clero diocesano catarinense estudou no ITESC. A tarefa de preparar o clero está dividida entre professores e formadores. Para uns e outros, isto é – além da tarefa – uma graça de Deus a cada um pessoalmente e a todos em conjunto. Olhar com carinho e gratidão aos professores desta escola é mais que um dever não só dos que por ali passaram, mas de toda a comunidade católica catarinense. E isto deve levar a uma profunda gratidão a Deus.



Quero simbolizar na pessoa do Pe. Ney Brasil Pereira – o mais antigo e ainda atuante professor da casa – o serviço itesquiano à Igreja em SC. Pe Ney, figura peculiar com seus incontáveis dons, representa não apenas a seriedade científica dos professores, mas também as angústias que eles vivem (ou viveram) no sentido de amor radical a Deus e à sua Igreja. Quem convive(u) com Pe Ney percebe nele o testemunho humano que o presbítero, o capelão da penitenciária, o regente de corais, o compositor, o exegeta, o homem ilustrado, e o professor, oferece à Igreja. Na “escola pessoal do Pe. Ney”, professores (antigos e novos) e alunos podem compreender a dedicação e o entusiasmo do quadro docente e das igrejas do Regional, pela causa de Jesus. Por ele e seus discípulos, Deus seja louvado!

## Do Itesc ao Regional

O ITESC é um dos maiores frutos do Regional Sul IV. Mas, ele também prestou e presta ao Regional seus serviços. É claro, não sempre a intensidade foi a mesma. – Mas, como ignorar a implantação do Vaticano II, nas paróquias e dioceses, sem a sua colaboração? Nas assembleias do Regional e das dioceses, sua presença não é meramente decorativa. Quantas vezes foram os professores a luz a discernir caminhos para os bispos e agentes de pastoral! Quantos estudos produzidos pelos professores e estudantes se tornaram indispensáveis subsídios pastorais! A própria revista “*Encontros Teológicos*”, com seus dois números anuais, ininterruptos durante os últimos 18 anos, tornou-se, no Estado, um referencial para a evangelização e aprofundamento da fé.

As relações – tensas e alegres, de serviços e de magistério ordinário – marcam nestes 30 anos os professores, alunos e bispos do Regional, no sentido de que, acima de todas as situações, tudo deve ser feito para a glória de Deus.

Além do serviço fundamental ao Regional Sul IV (formar o clero para SC), o ITESC neste período promoveu muitos cursos, prestou assessorias e propôs reflexões. Este serviço eclesial vem conseguindo patrocinar nestes 30 anos um trabalho mais harmonioso nas dioceses, imprimindo um caráter moderno e moderado, teologicamente falando, sem aventuras radicais. Se a mordência de Medellín e Puebla não cresceu de modo claro naquele chão, não se pode negar que indiretamente favoreceu preciosos frutos. Como são significativos alguns serviços que o clero presta nos acampamentos de sem-terra, dos movimentos populares, nos



morros, com pequenos agricultores, nas CEBs, nos centros comunitários, etc.

Se o significado imediatamente maior de ITESC é ser a escola de preparação teológica do clero catarinense, não se pode ignorar o fato de que – por mais científico que seja – o estudo de teologia, ali, é um dom e uma graça de Deus aos estudantes, professores e às 10 igrejas particulares no Estado. A formação intelectual religiosa do clero – e de inúmeros leigos – deve ser sempre vivida como graça do Pai para o enriquecimento das Igrejas. A fé aprendida – que se vai transformando em fé vivida – tende a estabelecer raízes de santidade e justiça nas igrejas, para o crescimento humano e glorificação do próprio Deus.

### 30 anos de Deus para suas Igrejas

Não se poderia compreender o ITESC, sem uma perspectiva de fé e gratidão a Deus. Os 30 anos são, certamente, uma vitória. Mas essa vitória científica e pedagógica não se iguala à da fé. Esta é maior ao ter estabelecido princípios sólidos de doutrina e de pastoral para construir a Igreja de Jesus e continuar o testemunho como busca de justiça e desenvolvimento. Se o tempo (*chrónos*) do ITESC conta 3 décadas, o tempo de graça (*kairós*) deve ser muito mais significativo, pois a santificação pessoal de cada um e todos os ex-alunos, e o trabalho evangelizador por eles desenvolvido e organizado, são intermediações humanas de Deus–entre-nós para que o mundo creia, para que os seres humanos se *con-frater-nizem*, que se desenvolva justiça, e os pobres, encontrando a esperança, possam conquistar também a dignidade que lhes cabe. E homens e mulheres cresçam na construção do único povo de Deus.

O clero de SC – na maioria ex-alunos do Itesc – junto com os bispos e o povo cristão – presentificam nos gestos humanos o Deus de amor para o aperfeiçoamento da comunidade católica e de todos os outros homens e mulheres de boa vontade. As “lições do ITESC”, por causa da fé, dedicação e testemunho dos professores, são assumidas imperceptivelmente como sinais da presença de Deus na realização de cada aluno e ex-aluno, que por sua vez as expandem a todo o seu círculo de influencia.

A proteção de Deus sobre esta casa de estudos é um investimento de longo respiro. E seu significado exige necessariamente uma leitura



teológica acima da cultural e histórica (que também são validas e necessárias), pois que o empenho de evangelizar é uma tarefa que, passando pela vida histórica de cada um e de cada comunidade eclesial, atinge o ser humano e se abre para Deus. Mais que outra escola (faculdade), o ITESC serve à glória de Deus, por meio dos arrazoados que vão sustentar a fé, a esperança e a caridade de outros homens e mulheres a quem Deus quer amar por primeiro.

Educados na doutrina da fé, os ex-alunos (presbíteros ou não) são instrumentos sacramentais de Deus para tomar mais presente o amor de Deus entre os seres humanos e qualificar suas relações, pois Jesus estabelece a co-herança daqueles que nele e por ele se vão tornando seus irmãos.

Ao colaborar na construção das igrejas diocesanas, os ex-alunos multiplicam as “lições itesquianas” recebidas como obra evangelizadora. Eles próprios, evangelizados pelo testemunho e ciência da Igreja e dos professores, tornam-se multiplicadores da Boa Nova de Jesus a modo de sal, luz e fermento.

Os 30 anos de graça (kairós) de Deus neste e por este Instituto têm sido uma oportunidade excepcionalmente privilegiada de Deus falar com seus filhos e filhas nas 10 igrejas particulares do Estado. Estes alunos – cristãos que em grande proporção tornaram-se presbíteros – foram convocados por Deus e confirmados pela Igreja como ministros do Evangelho para promover a glória de Deus entre todos, desenvolver a unidade escatológica dos irmãos do Senhor, tomar mais digna a vida dos irmãos e colaborar na salvação de todos

Neste sentido, só a Deus devem ser tributadas tanto a honra quanto a glória, por estas três décadas de vida. Àqueles que continuam, historicamente, a missão do Senhor, compete como tarefa a gratidão, o empenho profissional e o testemunho de fé.

### **Endereço do autor:**

Rua Pres. Rodrigo Otavio, 1650  
80040-230 CURITIBA, PR